

Acordes de sol e malabarismos

Crítica de *Quem faz amor faz barulho*

Por Renan Ji

Gosto do Leminski que fala de amor. Isso porque, diante de poemas mais melancólicos ou derramados, muitas vezes o poeta opõe uma imagem ou frase agridoce que me provoca um ligeiro sorriso. Na mesma medida, em poemas mais leves, flagro uma metáfora profunda que me remete ao incomensurável do sentimento amoroso. A parte inicial de *Quem faz amor faz barulho*, último espetáculo do Festival Midrash de 2024, parece atender esse meu gosto específico, porque começa com uma sequência de canções que colocam amores e casais indo e vindo nos seus (des)encontros.

“Se houver céu” inaugura o show e nos fala de um amor em suspenso, perdido num tempo-espaço depois da Terra, em arranjos etéreos que ecoam uma paisagem infinita onde o amor poderá enfim, um dia, se realizar. A realização, de alguma forma, acontece logo em seguida, quando sem transição mergulhamos na concretude caótica de “Quem faz amor faz barulho”, com a musicalidade se revolucionando nas guitarras e batidas aceleradas da canção-título do espetáculo. A amor barulhento cede espaço à mágoa com “Cigana”, que no show mantém a força do amor frustrado em batidas e luzes pulsantes. Daí então a atmosfera se adensa e se torna mais lírica, com o palco se enfumaçando e a banda quase sumindo na névoa – entram “O velho Leon e Natalia em Coyoacán” e “Live with me”, recuperando a harmonia dos casais e a beleza enevoadada dos encontros. A cantora Bruna Lucchesi fecha essa primeira sequência de canções apenas ao violão, cantando com entonações doces a balada “Poeta”, investindo na melodia do poeta “completamente apaixonado / vendo estrelas ao meio-dia / de um dia dourado”.

Acompanhada por Vitor Wutzki (voz e guitarra), Ivan Gomes (baixo) e Bianca Godoi (bateria), Bruna Lucchesi reúne algumas composições e poemas de Paulo Leminski, além de outras canções e poemas musicados de autoria diversa, como Patti Smith, Nanao Sasaki e até Shakespeare. Mas a tônica geral do trabalho é a poética musical de Leminski, que Bruna Lucchesi vem investigando desde 2018. A artista chama a atenção para o Leminski compositor, que, dentre criações individuais e em parceria, nos deixou mais de cem canções, muitas delas totalmente desconhecidas do público. No zine que complementa o álbum *Quem faz amor faz barulho* – lançado em 2023 como fruto da pesquisa de Lucchesi –, ela fala do desejo utópico de Leminski de que um dia todos os homens sejam músicos, com a Terra se tornando o planeta mais barulhento do sistema solar. A relação entre barulho e amor, portanto, torna a canção-título (do álbum e do show no Café Pequeno) uma chave para atravessar certos aspectos da apresentação.

Nesse sentido, chamo atenção para momentos que considero os mais emblemáticos do show, com as canções “Energia solar” e “Luzes”. Canções amorosas e solares, com ápices barulhentos, elas se deixam entrever sutilmente desde o início do show. Durante “Se

houver céu”, vemos uma promessa solar a partir de um refletor amarelo rente ao assoalho, que corta a atmosfera arroxeadada das luzes superiores, espécie de sol que desponta no início do percurso. As várias canções amorosas já citadas seguem na sequência preparando o terreno, para então chegarmos a “Energia solar”, em que o poeta deseja ser o sol da amada, vendo-a “fosforescente radioativa”. Já em “Luzes” – ao contrário da canção anterior, que é “movida à energia solar” – temos a força da luminosidade furando a escuridão, com imagens de velas, lâmpões, vagalumes e neon. A conclusão é forte e translúcida, acompanhada de ritmos intensos e voz aguda: “Essa noite vai ter sol”.

Nessas duas canções, a imagem solar se plenifica tanto imagética quanto musicalmente, pois a energia do sol transborda das letras, e chega à sonoridade de guitarras e bateria mais marcadas, além do próprio canto de Bruna Lucchesi. Ela inicia em tons delicados os primeiros versos dessas canções-chave, para terminar com notas altas e gritos rasgados. A premissa do amor e do barulho se realiza plenamente com essa metáfora do sol, revelando no trabalho de Bruna Lucchesi e companhia uma operação de leitura da obra cancional de Leminski, recorte esse proposto e praticado nos níveis do canto, da música e da palavra.

Quando Bruna destaca que o primeiro verso de “Energia solar” – “Eu queria ser teu sol” – é pontuado no fim pelo próprio acorde sol, vejo nisso uma das muitas variações da imagem do sol amoroso e barulhento, que Leminski realiza tão bem na tríade voz-som-texto. Bruna Lucchesi buscou traduzir essa concepção com fidelidade e ao mesmo tempo autonomia, tanto no álbum de 2023 quanto no show de fechamento do Festival Midrash, trazendo para o palco uma visão autoral do universo de Leminski, conjugando aspectos sonoros, cênicos e literários numa mesma unidade expressiva, tão ao gosto do poeta curitibano.

A artista, dessa forma, nos traz uma última reflexão sobre o tema “teatro e literatura”, na edição de 2024 do Festival Midrash. O palco do teatro tensiona a literatura ao propor intervenções cênicas, vocais e musicais que complementam ou friccionam o texto literário. A propósito, os espetáculos de abertura e fechamento do festival se conectam em muitos sentidos e trazem provocações similares: entre a spoken word e os blues de Roberta Estrela d’Alva e as canções leminskianas de Bruna Lucchesi, vemos como o canto e a sonoridade em *Slam Blues* e *Quem faz amor faz barulho* dão espessura ao elemento verbal que, antes lido silenciosamente e para além das fronteiras espaço-temporais, agora é convertido em performance musical singular compartilhada com um dado público.

Mas no caso específico do espetáculo de fechamento do Midrash, o que diferencia o show *Quem faz amor faz barulho* do álbum homônimo de 2023? Para alguém que não é muito musical e que não costuma frequentar shows, eu poderia simplesmente apontar o “calor” da apresentação presencial e as interações da artista com o público. Mas um momento determinado do show me fez pensar que a relação da canção com a teatralidade vai para além disso. Quando Bruna Lucchesi canta “Isto”, canção de Carlos Careqa e Leminski, ela pega o contexto frenético da canção de um poeta que diz ter sido muitas coisas (“Fui maoísta, / Ocultista e comodista / Ocupei todos os lugares da lista”) e em seguida parte para a declamação de uma sequência de poemas não só de Leminski, mas de outros

poetas, como Angélica Freitas e Ledusha Spinardi. Enquanto a banda improvisa uma base musical, a cantora pega diversos livros e recita os poemas em sequência, em clima de jam session.

Para além das discussões sobre as diferenças entre declamação de poesia, poema musicado e canção – que em tese possuem cada qual suas particularidades –, vejo como em “Isto” uma das imagens recorrentes é a do malabarista: equilibrando tantos modos de ser possíveis da lista, o poeta se equilibra fragilmente, e é notável como o canto de Bruna Lucchesi estica a penúltima sílaba da palavra “malabarista”. O som estendido do /i/ remete ao oscilar daquele que perde e retoma o equilíbrio. Essa forma específica de puxar o /i/ de “malabarista” está também presente na versão do álbum *Não sou filho de ninguém*, de 2004, de Carlos Careqa. Mas a originalidade dessa forma de cantar não é o que está em jogo: o que o canto da artista me sugere é o traço performático da canção, gênero que depende não apenas da beleza da harmonia musical e da letra, mas sobretudo do trabalho de canto. Percebo o quanto o trabalho de voz equilibra as instâncias de som e texto, e isso torna únicas uma apresentação de Bruna Lucchesi ou de Roberta Estrela d’Alva. Na particularidade de suas vozes e corpos na interação com os seus repertórios, ou ainda na execução ao vivo dos mesmos, elas se equilibram entre a técnica ensaiada e a espontaneidade do palco, mostrando o quanto há uma teatralidade a ser apreciada em apresentações musicais e shows.

Como malabarista, Bruna Lucchesi oscila entre notas doces e sons guturais, entre poemas musicados (como “Live with me” de Shakespeare, musicado pelo próprio Leminski) e canções conhecidas como “Valeu”. Não são apenas as lágrimas de Lucchesi cantando “Valeu” que me remetem a uma relação cênica da canção com o palco; é a forma mesma de cantar, que se equilibra entre a clareza poética de Leminski e a balada rock sustentada pelos músicos, possibilitando inflexões próprias e únicas tanto para quem canta quanto para quem ouve. Não lembro da íntegra das canções de *Quem faz amor faz barulho*. Mas com melodias sustentadas por vozes como a de Bruna Lucchesi, versos soltos grudam na memória; saem nos assovios inconscientes; ou retornam com força de som e palavra nas nossas rádios mentais. Creio que esse efeito “chiclete” da canção se dá porque Leminski deixa a partitura e a letra, mas é a voz da cantora que imprime uma cena sonora nas nossas cabeças.

Renan Ji é crítico de teatro da Revista Questão de Crítica e professor de literatura brasileira da UFRJ.